

Fórum Valorização e Promoção do Património Regional

Dando continuidade aos Encontros que a ACDR de Freixo de Numão e o Parque Arqueológico do Vale do Côa têm vindo a organizar no âmbito do património arqueológico e sua valorização, em 2007 realizou-se o Fórum Valorização e Promoção do Património Regional. O Fórum decorreu nos dias 28, 29 e 30 de Junho nos concelhos de Figueira de Castelo Rodrigo, Meda, Pinhel e Vila Nova de Foz Côa, integrando quatro sessões coordenadas por diversos investigadores:

Sessões 1 e 2

Duas linhas de investigação regional: estudos cerâmicos e estudos judaicos:

sessão 1. Estudos cerâmicos

Figueira de Castelo Rodrigo, 28 de Junho (manhã)

sessão 2. Estudos judaicos

Pinhel, 28 de Junho (tarde)

Sessão 3

Panorama da investigação regional

Vila Nova de Foz Côa, 29 de Junho

Sessão 4

Arqueologia Experimental

Meda, 30 de Junho

Decorreu uma mesa-redonda no Museu D. Diogo de Sousa em Braga, ainda no âmbito deste Fórum, dedicada ao tema *Sítios Arqueológicos e Visitantes*.

As Câmaras Municipais de Figueira de Castelo Rodrigo, Meda, Pinhel e Vila Nova de Foz Côa apoiaram o Fórum e viabilizaram a edição destas actas. Deixamos expresso o nosso reconhecimento, em nome da organização e de todos os investigadores que tiveram a oportunidade de nele participar.

A realização regular destes Encontros e a publicação atempada das suas actas, contribuem seguramente para que a investigação se mantenha dinâmica nesta região. Todos continuaremos a colaborar, entidades e investigadores, para que os conhecimentos sobre o património se aprofundem e a sua valorização se torne uma realidade cada dia mais presente.

A Organização do Congresso

ACDR PAVC

entidades organizadoras do congresso:



edição das actas:



entidades financiadoras da edição:



Fórum Valorização e Promoção do Património Regional

actas das sessões

volume 1

Cerâmicas no Quotidiano

Estudos sobre Cerâmicas Arqueológicas e Etnográficas

volume 2

Investigar e Valorizar o Património

Estudos Judaicos

Sítios Arqueológicos e Visitantes

volume 3

Do Paleolítico à Contemporaneidade

Estudos sobre a História da Ocupação humana em Trás os Montes,

Alto Douro e Beira Interior

volume 4

Arqueologia Experimental

Recriações do passado em ritmos do nosso tempo

Este volume integra textos relativos à sessão que decorreu em Vila Nova de Foz Côa no dia 29 de Junho de 2007. É um reflexo da qualidade e diversidade da investigação que se vai fazendo por todo o Vale do Côa, abarcando um espectro temporal que vai do Paleolítico superior até à Contemporaneidade. A presença de artigos que abordam temas provenientes de outra regiões é um sinal da credibilidade que estas reuniões e respectivas actas vão, paulatinamente, adquirindo.

entidades organizadoras do congresso:



edição das actas:



entidades financiadoras da edição:



Do Paleolítico à Contemporaneidade

Estudos sobre a História da Ocupação humana em Trás os Montes, Alto Douro e Beira Interior

volume 3



Fórum Valorização e Promoção do Património Regional
actas das sessões

Do Paleolítico à Contemporaneidade

Estudos sobre a História da Ocupação humana em Trás os Montes,
Alto Douro e Beira Interior

volume 3

Índice

4	prefácio
6	introdução
8	acta 01 O Vale do Côa, o Homem que o criou e o Outro que ainda o vive André Tomás Santos
16	acta 02 Aspectos da Arte Magdalenense e Tardi-Glacial no Vale do Côa António Martinho Baptista
32	acta 03 Temporalidades e espacialidades do Castanheiro do Vento (Horta do Douro, V.N. de Foz Côa) Ana Margarida Vale, Sérgio Gomes, Bárbara Carvalho, João Muralha Cardoso, Leonor Sousa Pereira, Gonçalo Leite Velho e Vítor Oliveira Jorge
42	acta 04 As gravuras rupestres do concelho de Macedo de Cavaleiros Sofia Soares de Figueiredo
62	acta 05 Duas peças decoradas “castrejas” do Alto do Castelo (Salto, Montalegre) João Mário Martins da Fonte
80	acta 06 Intervenção arqueológica no perímetro urbano de <i>Aqua Flaviae</i> . Algumas considerações. Pedro Sobral de Carvalho e Rui Filipe Mendes Barbosa
98	acta 07 O casal romano do Relengo (Barragem do Sabugal). Elementos para o estudo do povoamento romano e tardo-romano no Vale do Côa. Marcos Osório, Ricardo Costeira da Silva, Dário Neves e Paulo Pernadas
116	acta 08 APDARC: um ano de diálogos Mafalda Nicolau de Almeida

ficha técnica

Editor

Associação Cultural Desportiva e Recreativa de Freixo de Numão

Título

Actas do Forum Valorização e Promoção do Património Regional

Coordenação do Congresso

Alexandra Cerveira Lima, António Martinho Baptista, António do Nascimento Sá Coixão, Miguel Rodrigues

Coordenação Editorial das Actas

Alexandra Cerveira Lima, António Martinho Baptista, António do Nascimento Sá Coixão, Luís Luís, Miguel Rodrigues

Coordenação Científica da Sessão

António Martinho Baptista, António Sá Coixão, Francisco Sande Lemos

Coordenação da Publicação

André Tomás Santos, Luís Luís

Autores

André Tomás Santos, António Martinho Baptista, Ana Margarida Vale, Sérgio Gomes, Bárbara Carvalho, João Muralha, Leonor Sousa Pereira, Gonçalo Leite Velho, Vítor Oliveira Jorge, Sofia Soares de Figueiredo, João Mário Martins da Fonte, Pedro Sobral de Carvalho, Rui Filipe Mendes Barbosa, Marcos Osório, Ricardo Costeira da Silva, Dário Neves, Paulo Pernadas, Mafalda Nicolau de Almeida

Revisão de Textos

André Tomás Santos e Luís Luís. Ana Vale (texto de que é co-autora).

Design

Gina Ferreira

Pré-Impressão, Impressão e Acabamentos

?????

1ª Edição, 2008. Porto

ISBN: 978-972-99799-4-1

Depósito Legal

????

Tiragem

1000 Exemplares

Temporalidades e espacialidades do Castanheiro do Vento

(Horta do Douro, V.N. de Foz Côa)

Uma discussão acerca da pluralidade de sentidos das materialidades em estudo e do "acesso" ao Passado

Ana Margarida Vale

(doutoranda em Arqueologia pela FLUP, Bolseira da FCT, CEAUCP-CAM)

Sérgio Gomes

(doutorando em Arqueologia pela FLUP, Bolseiro da FCT, CEAUCP-CAM)

Bárbara Carvalho

(Arqueóloga, aluna da pós-graduação, ISCTE)

João Muralha Cardoso

(IGESPAR, CEAUCP-CAM)

Leonor Sousa Pereira

(IGESPAR)

Gonçalo Leite Velho

(doutorando em Arqueologia pela FLUP, IPT)

Vítor Oliveira Jorge

(DCTP - FLUP, CEAUCP-CAM)

Introdução

Neste artigo pretendemos sistematizar alguns aspectos da pesquisa desenvolvida sobre o Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa). Não se trata de uma síntese monográfica, mas de uma tentativa de abordar algumas das problemáticas que residem na pesquisa. Neste sentido, organizamos este texto em dois pontos: espacialidades e temporalidades; tratando-se de conceitos que pretendem superar realidades usualmente abordadas em separado (espaço e tempo), devem aqui ser entendidas enquanto temáticas que valorizam distintos aspectos das materialidades que *compõem* o Castanheiro do Vento. No ponto Espacialidades privilegamos uma discussão acerca do tipo de abordagem que pretendemos desenvolver sobre a inserção do Castanheiro do Vento no território; e num segundo momento, essa mesma discussão serve-nos para problematizar o estatuto da “planta geral da estação”, alertando para a discrepância entre o seu carácter rígido e a fluidez que pretende representar. No ponto Temporalidades procedemos à análise da cronologia e sequências estratigráficas identificadas, problematizando a sua utilização num inquérito que, além do estabelecimento de uma sequência temporal unidireccional, pretende questionar a biografia dos materiais (Ingold, 2007).

Espacialidades e Temporalidades do Castanheiro do Vento

1. Espacialidades

O Castanheiro do Vento é um morro particularmente imponente quando visto do vale da Ribeira da Teja (Figura 1). Do ponto de vista geomorfológico faz parte dos Planaltos Centrais, uma unidade onde se processa a passagem entre o relevo aplanado da Meseta e a irregularidade das Montanhas Ocidentais. A bacia hidrográfica da Ribeira da Teja é exemplificativa de outro cenário de transição. Na área imediatamente contigua a Castanheiro do Vento, a ribeira corre num vale largo e aplanado, porém, para montante e para jusante vai ficando progressivamente mais estreito, dando lugar a vales encaixados. Esta mudança deve-se à presença de formações litológicas distintas, correspondendo à zona de xisto um vale aberto e à zona de granito um vale mais encaixado e irregular¹. Na sua relação com o Castanheiro do Vento, interessa reter não só a sua proximidade física e, conseqüentemente, as possibilidades de exploração de distintos nichos ecológicos mas a própria diversidade que o curso da ribeira comporta.² O curso da ribeira, na sua diversidade de actividades, de relevos, de trajectos... pode ser tomada como um dispositivo que activa codificações distintas, cuja dinâmica terá definido distintas espacialidades, distintos modos em que a ribeira modela e é modelada pelos intervenientes na espacialidade. Com efeito, decorrendo as espacialidades das vivências de uma comunidade (Ledrut, 1998: 57), a diversidade deste elemento torna-se fundamental no âmbito da discussão das “possibilidade e limites da acção” (Barrett, 1999; [1994]), quer a nossa escala de análise se situe ao nível do sítio ou na sua relação com unidades de trabalho mais amplas ou pormenorizadas.

Esta forma de entender as relações de um lugar dentro de um território, cujos horizontes decorrem das negociações que um determinado conjunto de actividades confere a esse lugar, é proposta por Tim Ingold (2000) quando define o conceito de *taskscape*. O termo é construído com base na palavra inglesa *landscape*; o autor joga com a justaposição entre as palavras “land” e “scape”, substituindo a primeira por “task” (tarefa). Assim, como alternativa à *landscape* (um determinado conjunto de elementos geográficos), Ingold propõe uma conceptualização da paisagem como um conjunto de tarefas, chamando à paisagem (espaço) a dimensão temporal que reside a essas tarefas e, conseqüentemente, todo o conjunto de codificações que conferem sentido a esse contínuo espaço-tempo. A paisagem deixa então de ser um elemento estável, um cenário onde se desenrolam acções, para ser um elemento de acção, na medida em que é na relação entre os agentes e a paisagem, que esses mesmos agentes e essa mesma paisagem se constituem. Tempo, espaço, actores, acções são entendido enquanto categorias de análise de uma realidade densamente entrelaçada e fluida.³

¹ A geografia física da área onde se localiza o Castanheiro do Vento foi sistematizada por um de nós no âmbito de uma tese de doutoramento sobre o sítio. Para um conhecimento mais aprofundado destes aspectos, consultar J. M. Cardoso (2007: 47-72, 82-86).

² Gostaríamos de esclarecer que o ênfase dado à Ribeira da Teja neste texto corresponde apenas a uma tentativa de exemplificar as relações do Castanheiro do Vento no âmbito do território em que se insere; este exercício poderia ser apresentado discutindo outro elemento, como o Rio Torto ou a Senhora do Viso. A este propósito, sugerimos a consulta da Figura 2 onde são representados os uma série de elementos que poderiam ter sido utilizados neste exercício.

³ A aplicação do conceito de *taskscape* e *dwelling* é discutida em vários textos da autoria da equipa de coordenação das escavações referidos na bibliografia.



fig. 1 Castanheiro do Vento visto do vale da Ribeira da Teja.

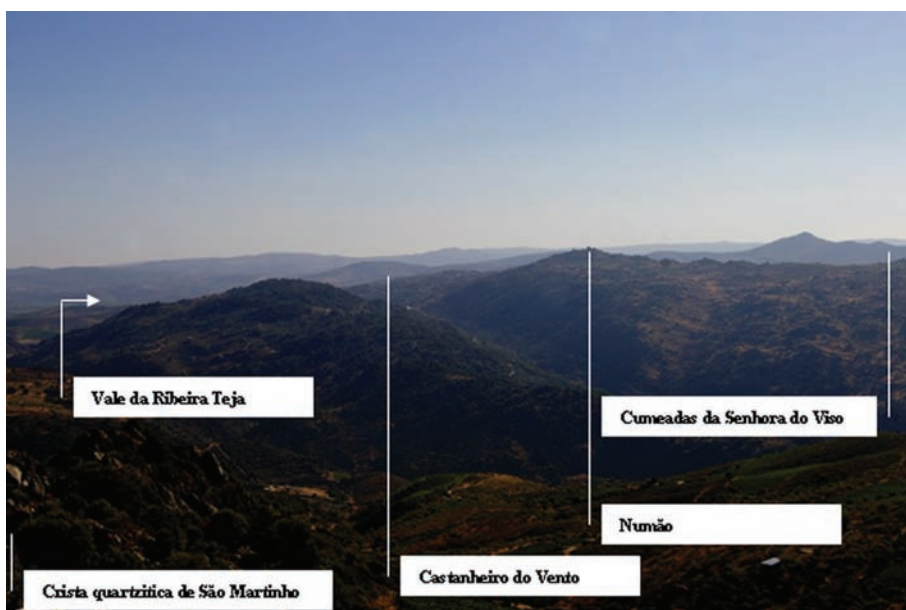


fig. 2 Castanheiro do Vento visto da crista quartzítica de São Martinho. O morro aparece-nos em associação com uma série de elementos que é possível visualizar a partir dele: Senhora do Viso, Numão, o Vale da Ribeira da Teja, por exemplo (consulta a fig. 3).

O conceito *taskscape* pretende assim superar uma série de dicotomias (cultura/natureza, por exemplo) que sustenta a pesquisa arqueológica no quadro da Modernidade (Thomas, 2004: 78-95; 202-222). Ingold propõe uma visão ecológica onde salienta o organicismo das experiências humanas; um organicismo entendido num constante refazer de fluxos de energia em que todos os intervenientes desempenham um papel activo na transformação das coisas. Esta perspectiva é então uma tentativa de inserção no discurso antropológico/arqueológico de um conceito de vida como estratégia de sobrevivência, na qual é maximizado um esquema de *ciclos das coisas* (onde as energias circulam em redes de reciclagem, reformulação ou transformação (Ingold, 2007) que subjazem à actualização das identidades individuais e comunitárias. Apesar de se tratar de um conceito abrangente, que traz à problematização dos materiais uma série de relações tradicionalmente abordadas de modo separado (tempo e espaço, nomeadamente), a tarefa comporta uma rigidez formal que contradiz a fluidez do que pretende representar. Se a vida é tarefa (antecipação e projecto), mais do que um desafio de execução, é um desafio de improviso, um desafio de sobrevivência inovadora que permite a transformação, a actualização. Esta argumentação, foi desenvolvida por um de nós (Jorge, V. O. 2008), sugerindo o conceito de *performancescape* como forma de superação da rigidez que o *taskscape* comporta.⁴ A performance, ao contrário da tarefa, comporta estratégia mas valoriza o improviso; o performer salienta a irrepitibilidade da sua performance; pelo contrário, quem executa a tarefa assegura a sua repetição. A tarefa constitui-se na rede de energias em que se in-

⁴ Esta ideia foi apresentada por Vítor Oliveira Jorge na organização, em conjunto com Julian Thomas (Universidade de Manchester) da sessão “Archaeology and the politics of vision in a post-modern context” no TAG – York/2007; numa comunicação apresentada nesta sessão, o autor problematiza a aplicação do conceito de performance à arqueologia, dando ênfase à performatividade na produção do “registo arqueológico” (Jorge, V. O., no prelo).

serem as coisas, a *performancescape* problematiza a performatividade dessas coisas, ou seja, tenta superar uma visão de agentes que fazem coisas; ainda que imbuídos nessas coisas, reconhecendo nessas coisas uma dimensão performativa habitualmente atribuída apenas aos agentes.

Assim, o conceito de *performancescape* permite multiplicar o número de elementos a considerar nas condições onde se geram as espacialidades que pretendemos pensar através da materialidade em estudo. Nesta ordem de ideias, este conceito permite visitar uma série de elementos do *registo arqueológico*; passamos então a analisar a planta geral da estação (Figura 4), discutindo o seu estatuto enquanto síntese dos trabalhos desenvolvidos desde 1998.⁵ Antes de mais, devemos alertar para o facto desta planta resultar de um trabalho de escavação fundamentalmente dirigido para a remoção dos níveis superficiais no sentido de tentar estabelecer os limites do recinto. Assim, a representação das várias estruturas no mesmo plano não decorre de qualquer sequência crono-estratigráfica⁶ que nos tenha permitido a sua associação; na planta é dado ênfase fundamentalmente aos elementos construídos⁷, sendo que a sua construção contribuiu para uma complexa realidade estratigráfica que os trabalhos de escavação apenas pontualmente tentaram esclarecer.⁸ Nos vários contextos identificados, o que verificamos é um constante refazer dos elementos que representamos nesta planta, como é o caso da condenação de passagens (Figura 5) e de outras estruturas⁹; nestes contextos é nos possível verificar a presença de elementos que, num a primeira análise, nos poderiam parecer *estranhos* à actividade de construção/reconstrução de elementos arquitectónicos, porém, a sua presença (quer seja fragmentos cerâmicos, instrumentos líticos ou diferentes tipos de xisto) remete-nos para uma profusa rede de biografia desses materiais; uma profusa rede de relações com outras actividades, outros lugares... cuja performatividade concorre na definição de uma dada espacialidade que um contexto nos pode sugerir.

O Castanheiro do Vento corresponde então a um grupo de “dispositivos arquitectónicos que modificaram por inteiro troços significativos da paisagem, transformando-os, por afeiçoamento (eliminados volumes, massas e acrescentando outros) em verdadeiros dispositivos comunicacionais à distância, na medida em que ostentavam ao longe, ou espelhavam sobre os vales em que se debruçavam, uma espécie de modelos espaciais ideais do cosmos” (Jorge, V. O., 2002: 25). Tratando-se de elementos identitários de um território, confundem-se nesse território, organizando-o em percursos, em pontos de vista que o põem em contacto com distintos elementos desse território (Figura 5); assim, em contraste com a rigidez da “planta geral da estação”, surge-nos então um Castanheiro do Vento enquanto um lugar permanentemente habitado, concorrendo com distintas performances nas vivências da comunidade.

2. Temporalidades

How do we understand the temporality of a site?
(Lucas, G. 2005:38)

Este ponto pretende abordar as temporalidades equacionadas em Castanheiro do Vento, procurando problematizar os tempos que são evocados na construção de narrativas acerca do sítio. Neste sentido, optou-se por apresentar primeiro os dados referentes à cronologia absoluta e relativa e posteriormente questionar as limitações das sequências temporais que as datas de 14C, a leitura estratigráfica e as tipologias sugerem, assim como se propõe outros tempos na interpretação do sítio. O estudo da temporalidade de Castanheiro do Vento não se resume à soma das datas absolutas e à sua relação com os materiais e com os espaços que providenciam as datações relativas, mas tenta articular estas informações com outros tempos que não são passíveis de serem traduzidos em números, ou seja, os tempos de duração, das práticas, das relações entre as comunidades e o meio.

⁵ Para o conhecimento das distintas estruturas representadas, consultar: Jorge, V. O.; Cardoso, J. M.; Pereira, L. S.; Coixão, A. S. (2002a, b); Jorge, V. O.; Cardoso, J. M.; Pereira, L. S.; Coixão, A. S. (2003a b c d); Vale, A. (2003); Jorge, V. O.; Cardoso, J. M.; Pereira, L. S.; Coixão, A. S.; Vale, A. M. (2004); Jorge, V. O.; Cardoso, J. M.; Pereira, L. S.; Coixão, A. S. (2005); Jorge, V. O.; Cardoso, J. M.; Vale, A. M.; Velho, G. L.; Pereira, L. S. (2006a b c d); Jorge, V. O.; Cardoso, J. M.; Vale, A. M.; Velho, G. L., Carvalho, B., Gomes, S. (2008); Cardoso, J.M. (2007).

⁶ No próximo ponto será desenvolvida a questão da estratigrafia e das datas de 14C, aqui interessa-nos apenas realçar que a planta deve ser entendida apenas como um instrumento de trabalho no estudo do Castanheiro do Vento.

⁷ Relativamente ao uso da imagem (gráfica, fotográfica ou sugerida pelo discurso) por parte dos arqueólogos peninsulares que estudam estes recintos do III/II^o milénios A.C. (Vale, no prelo).

⁸ A este propósito consideramos que, como sugere John Barrett: “Archaeological evidence need not be seen as the “record” of various “meaningful statements” which originated in the past. Instead it may be viewed as the residual remains of a widely diverse range of materialities. These materialities were inhabited and interpreted in light of assumptions and prejudices about the nature of the world. The validity of those assumptions was experienced and monitored through practice, an empirical evaluation carried forward by bodily and sensory dispositions as well as discursively. As archaeologists, we might enquire into how these different materialities could be known, the practices through which those knowledges were realized and monitored, and the consequences of those practices” (1999 [1994] 87-90).

⁹ Sobre as estruturas de condenação, consultar (Jorge, V. O.; Cardoso, J. M.; Pereira, L. S.; Coixão, A. S., (2005).

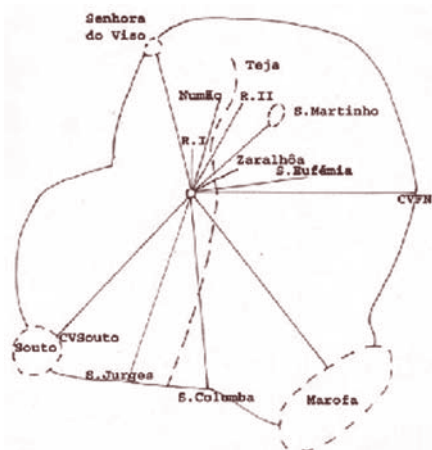


fig. 3 Diagrama da área de paisagem visível do sítio arqueológico de Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa); R.I – Raza I, R.II – Raza II e CVFN – Castelo Velho de Freixo de Numão e CVSouto – Castelo Velho de Souto. (Cardoso, 2008: 345)



fig. 4 Planta Geral da Estação; estão representadas as principais estruturas identificadas até 2005.

3. Cronologia e sequências temporais

As datações absolutas e relativas permitem enquadrar cronologicamente o estudo de uma estação arqueológica. Conferem balizas cronológicas, mais ou menos precisas, e possibilitam a integração de um sítio como Castanheiro do Vento, em redes de análise mais amplas, seja pelas datas de 14C (situando-o no universo de III/1ª metade do II milénios a.C.), seja, por exemplo, pela decoração das cerâmicas (colocando-o sobretudo em relação com o interior norte e centro de Portugal, onde predominam as cerâmicas penteadas). No entanto, apesar de essencial no estudo de um sítio arqueológico, o estudo das datações relativas e absolutas fornece dados que são lidos de forma sequencial e são traduzidos apenas em fases de ocupação e de construção sem equacionar o entrelaçado de tempos que concorrem, por exemplo, na construção de um muro ou na elaboração de um vaso cerâmico. Assim, como referiu Barrett (Barrett, 1999b:22), um artefacto comporta em si diversos “tempos” apesar de os arqueólogos normalmente o situarem em uma só data.

O estudo da estação de Castanheiro do Vento dispõe até ao momento de 65 datas de 14C discutidas recentemente por um de nós (Cardoso, 2007: 494-496). Neste mesmo trabalho propõe-se uma ocupação contínua do sítio durante o III milénio a.C. e primeira metade do II milénio a.C., assim como são equacionados outros intervalos temporais que podem ser lidos na figura 6 (Ibid., 103,104). O primeiro intervalo sugere uma ocupação contínua entre 2875-1519 cal BC; o segundo intervalo está associado a uma fraca probabilidade entre 1496-1412 cal BC (apenas 1,4%); o terceiro relaciona-se com datas que recaem na chamada “Idade do Ferro”, entre 794-399 cal BC; e por fim o quinto intervalo situa-se entre 580-651 cal AD. Atendendo a este quadro, Cardoso sugere que o sítio de Castanheiro do Vento terá sido revisitado ao longo dos anos adquirindo “outros papéis de diferentes significados na paisagem” (Ibid., 104).

Os intervalos sugeridos pela análise das datas de 14C permitem assim enquadrar o estudo de Castanheiro do Vento em grandes balizas cronológicas. No entanto, não inviabilizam a criação de fases sequenciais, se tivermos em consideração a própria natureza das datas de 14C: “All are small samples and derive from widely varying contexts: upper and lower ditch-fills and separate posthole. They thus represent neither sequence nor context.” (Kinnes & Thorpe, 1986: 222). Além disso, em Castanheiro do Vento, sido privilegiada a decapagem das grandes linhas que definem o sítio sem se proceder à escavação em profundidade. Neste sentido, salvo em algumas excepções (Bastião A, B, C, D, E e F), as amostras para datação foram recolhidas em sedimentos contíguos às lajes de xisto que permitiram a identificação das estruturas.

Podemos no entanto afirmar que genericamente o primeiro intervalo (entre 2875-1519 cal BC) se associa à camada 3 de Castanheiro do Vento. Esta camada caracteriza-se por um sedimento de cor amarela, de textura areno-argilosa (em certos contextos revela-se de matriz argilosa), de compactação média (em determinadas áreas detecta-se de forma pouco compacta) e com inclusões ocasionais de blocos irregulares de granito e quartzo e pequenas lajes de xisto. Encontra-se associada a todas as estruturas pétreas detectadas até ao momento e pertencem à camada 3 a maioria dos materiais arqueológicos recolhidos. Como já referiu Susana Jorge em 1986, “A grande questão colocada pela análise estratigráfica e espacial dum escavação é a da interpretação da coexistência ou não dos diversos tipos de testemunhos arqueológicos, por um lado, e o da escala em que essa hipotética coexistência se processa.” (Jorge, S.O., 1986:52).

As camadas 1 e 2 não se relacionam com nenhuma estrutura definida. A camada 1 refere-se ao antigo solo agrícola, caracteriza-se pela presença abundante de raízes, apresenta uma cor castanho acinzentado escuro, de compactação média e de textura areno-argilosa. A camada 2 assemelha-se à camada anterior, de cor castanho avermelhado escuro. Ambas se apresentam revolvidas pelos trabalhos agrícolas. Os materiais arqueológicos detectados enquadram-se no que convencionalmente se designa de Calcolítico/ Idade do Bronze, com um predomínio de decorações cerâmicas associadas à Idade do Bronze na camada 2. Esta observação conduz-nos a colocar a hipótese que a segunda camada se relacionaria com II milénio a.C., pois apesar da ausência de estruturas e de datas de 14C coerentes a, “cultura material” dar-nos-ia um indicador cronológico. E esta observação leva-nos ao próximo ponto: a datação relativa através da leitura de tipologias (essencialmente referentes à cerâmica).



fig. 5 Desenho de campo da condenação de uma entrada. No registo tentou privilegiar-se os vários elementos que concorrem nesta reformulação do elemento arquitectónico no sentido de representar a multiplicidade de elementos que nos foi possível identificar.

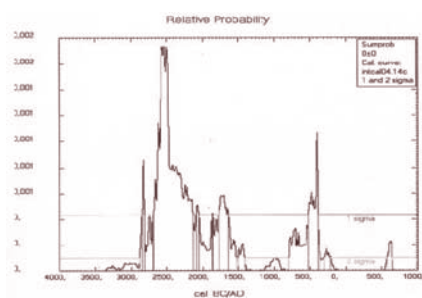


fig. 6 Somatório de probabilidades relativas das datas de Castanheiro do Vento (Cardoso, J.M., 2007:103)

A decoração e a forma de um vaso são geralmente indicadoras de um período cronológico. Permite, como foi avançado anteriormente, não só “encaixar” o sítio arqueológico na barra cronológica, mas também a sua relação com outros sítios. Atendendo ao caso de Castanheiro do Vento poderemos dizer que o predomínio das formas esféricas e da decoração impressa penteada, permitiram estabelecer relações com por exemplo: Castelo Velho, Castelo de Algodres, Abrigo do Buraco da Pala, Castelo de Vila Pouca de Aguiar, Pastoria, Fornos de Algodres e Malhadas (Carneiro, 2008: 247-252). Ainda segundo esta linha, e como já foi referido, a cerâmica detectada na camada 2 de Castanheiro do Vento, com grandes percentagens de decoração plástica e vasos de fundo plano permitiram falar de uma ocupação da Idade do Bronze ainda que de contornos pouco definidos, pois não se encontram em relação com nenhuma estrutura e aparecem numa camada revolvida. Contudo, esta leitura do tempo sequencial o que é que diz do sítio? As cronologias e sequências temporais parecem conceder-nos apenas o enquadramento para o desenvolvimento de outras questões, como: com que tempos se relacionam os materiais com que hoje dialogamos (desde o caco cerâmico à paisagem)?

4. Ciclos de vida, biografias e histórias dos materiais

A atribuição de datas fixas para fases de construção, ocupação e abandono de um sítio, conduz inevitavelmente à elaboração de imagens fixas do passado (Vale, no prelo) e encaixa a chamada cultura material em datas precisas correspondentes às fases definidas. Perde-se assim a duração das estruturas, dos materiais, perde-se o tempo de vivência (da própria construção). Parece-nos necessário problematizar o “tempo” a outras escalas, focando de perto as práticas que poderão estar subjacentes a determinadas associações de materiais e para que entrelaçado de tempos remetem. Só olhando de perto para a relação do caco com o muro, do muro com o sítio, do sítio com a paisagem, e para a multiplicação de redes a partir destas (podemos mesmo equacionar a relação do caco com a paisagem, explorando os tempos de recolha de argila, para dar um exemplo simples). Castanheiro do Vento não pode ser estudado como uma sucessão de eventos, desenrolados no tempo, materializados no espaço e registados pelo arqueólogo em fases. Como referiu McFadyen, “*Temporality is about process and not palimpsest (i.e., the superimposition of events).*” (McFadyen, 2008: 121). E é exactamente no processo de práticas e vivências que concentramos o nosso estudo, e assim, “*A “tectura” de um sítio como Castanheiro do Vento tem que ser compreendida como um conjunto de acções frequentes (não necessariamente contínuas no tempo e espaço)*” (Cardoso, 2007: 299). Também se considerarmos a própria construção em terra crua (já que propomos que a construção das paredes terá sido em terra crua sobre embasamentos pétreos) esta não poderia ser realizada durante todo o ano, mas estaria dependente, por exemplo, das condições climáticas. (Vale et al. 2006: 104), e, tendo em consideração os exemplos etnográficos a manutenção destas construções é geralmente feita anualmente após a época das chuvas. Nesta linha, e mesmo despindo estas práticas da multiplicidade de sentidos que lhe estariam associados e nessa medida potenciais geradoras de outras práticas, de outros gestos, de outros tempos, a construção de Castanheiro do Vento não poderia ser datado com uma data cronológica e depois ocupada, mas a sua continua “ocupação” remete para uma panóplia de tempos. Ainda correlacionado com a “construção” do sítio, têm sido detectados fragmentos cerâmicos talhados “colocados”, junto às faces dos muretes (Cardoso, 2007: 248). A sua “forma” e a maneira como se encontram depostos assemelham-se às cunhas utilizadas na feitura dos muros. Não equacionando aqui os possíveis significados que poderiam ser sugeridos, estes fragmentos cerâmicos remetem para outros tempos, como por exemplo, o do próprio vaso, da sua feitura, da sua vivência, dos indivíduos que o manusearam...

O caso do Bastião A (Vale, 2003: 126-152) de Castanheiro do Vento, situado no Murete 1, parece sugerir deposições intencionais de fragmentos cerâmicos associados a outros materiais que parecem sublinhar um imbricado de tempos, praticas e memórias. Será possível encarar os diversos materiais enquanto “living entities” (Bruck, J. 2001) ou organismos (Ingold, 2000), como detentores de histórias de vida semelhantes às dos indivíduos que com elas viveram? O fragmento cerâmico parece remeter para outros tempos, que vão desde a escolha da argila, à sua feitura, passando pelas inúmeras “utilizações” até à sua fragmentação intencional. Remete para memórias e pode surgir em memória de, como parte de praticas inter-relacionadas no sítio e com o sítio. E mais uma vez chamamos o conceito de *performancescape*, que permite articular diversas variáveis: o tempo das diversas acções, a sua espacialidade, o seu improvisado, o seu carácter de

irrepetibilidade e singularidade. Como referiu Tim Ingold, “*In dwelling in the world, we do not act upon it, or do things to it; rather we move along with it. Our actions do not transform the world; they are part and parcel of the world’s transforming itself. And that is just another way of saying that they belong to time*”. (Ingold, 2000: 200)

Considerações Finais

Neste texto pretendemos partilhar uma discussão acerca do modo como um determinado regime interpretativo salienta a resistência ao estabelecimento de sentidos unívocos sobre uma determinada materialidade. Espacialidades e temporalidades são, deste modo, conceitos que cruzam dimensões espaciais e temporais no sentido de destacar a fluidez do nosso objecto de estudo. O cruzamento do espaço e do tempo pode operar-se de distintos modos, dependendo das sociabilidades em curso nesse processo. Com efeito, considera-se que a experiência do tempo e do espaço depende sempre do que se *está a fazer*; sendo que nesse *fazer*, nessa *tecitura* cruzam-se elementos que a atitude analítica subjacente à pesquisa em Arqueologia tende a abordar em separado. Assim, o Castanheiro do Vento, enquanto dispositivo comunicacional ao serviço da identidade e da territorialização, pode ser entendido enquanto um elemento duma profusa rede de ligações sob as quais as comunidades habitaram um território; enquanto um lugar de transformações de materiais, de recriação dessas ligações, de múltiplas espacialidades e temporalidades.

Bibliografia

- BARRET, J. (1999 [1994]) – Defining Domestic Space In The Bronze Age Of Southern Britain, In PEARSON, M. P.; RICHARDS, C., eds - *Architecture & Order - Approaches To Social Space*. London, New York: Routledge.
- BARRETT, J. (1999) - Chronologies of Landscape. In LAYTON, R.; UCKO, P., eds. - *The Archaeology and Anthropology of Landscape*. (London), p. 21-30.
- BRUCK, J. (2001) - Body metaphors and technologies of transformation in the English Middle and Late Bronze Age. In BRUCK, J., ed. - *Bronze Age Landscapes. Tradition and Transformation*. Oxford: Oxbow Books, p. 149-160.
- CARNEIRO, A. (2008) – Caracterização preliminar da cerâmica do III milénio A.C. de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), *Côavisão*. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal. p.247-252.
- CARDOSO, J.M. (2007) - *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa) – Um Recinto Monumental do IIIº e IIº milénio a.C.: Problemática do Sítio e das suas Estruturas à Escala Regional*. Porto: FLUP (Tese de Doutoramento, policopiada)
- INGOLD, T. (2000) – The Temporality of the Landscape. In *The Perception Of The Environment. Essays In Livelihood, Dwelling And Skill*. London: Routledge, pp. 189-208.
- INGOLD (2007) – Materials Against Materiality. *Archaeological Dialogues*. 14.
- JORGE, S. O. (1986) - *Povoados da Pré-história Recente (IIIº - inícios do IIº milénio a.C.) da Região de Chaves - Vila Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental)*. Porto: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- JORGE, V. O. (2002) – Arqueologia Dos Monumentos Da Pré-História Recente - Algumas Sugestões Interpretativas. *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*. Porto: FLUP. 1, p. 13-26.
- JORGE, V. O. (2008) – Performance e Património. (consultado em 10 de Novembro de 2008). disponível em [www:<URL: http://Trans-Ferir.Blogspot.Com](http://Trans-Ferir.Blogspot.Com).
- JORGE, V. O. (no prelo) – Archaeological Excavation As (“Artistic”) Performance: Dissolving Some Unnecessary Boundaries Between Art And Science For The Sake Of Knowledge, In *Archaeology And The Politics Of Vision In A Post-Modern Context*. New Castle: Cambridge Scholars Publishing.
- JORGE, V. O.; CARDOSO, J. M., PEREIRA, L. S., COIXÃO, A. S. (2003d) – A Propósito Do Recinto Monumental De Castanheiro Do Vento (Vª Nª De Foz Côa). In JORGE, S. O., Coord. – *Recintos Murados Da Pré-História Recente*. Porto/Coimbra: Dctp, Flup/ Ceaup, Fct, p.79-114.
- JORGE, V. O.; CARDOSO, J. M.; PEREIRA, L. S.; COIXÃO, A. S. (2002a) – Castanheiro Do Vento, Um Sítio Monumental Pré-Histórico Do Concelho De Vila Nova De Foz Côa (Horta Do Douro). *Coavisão*. Vila Nova De Foz Côa: Câmara Municipal De Vila Nova De Foz Côa. 4, p. 73-93
- JORGE, V. O.; CARDOSO, J. M.; PEREIRA, L. S.; COIXÃO, A. S. (2002b) – Castanheiro Do Vento And The Significance Of Monumental Copper/Bronze Age Sites In Northern Portugal. In Scarre, C., Ed. – *Monuments And Landscapes In Atlantic Europe*. Londres: Routledge, p. 36-50.
- JORGE, V. O.; CARDOSO, J. M.; PEREIRA, L. S.; COIXÃO, A. S. (2003a) – O Recinto Pré-Histórico De Castanheiro Do Vento (Horta Do Douro, Vila Nova De Foz Côa): Balanço Sucinto Das Pesquisas Realizadas De 1998 A 2003. *Portugália*. Porto: Dctp/Flup. Nova Série, 24, p. 5-24.

JORGE, V. O.; CARDOSO, J. M.; PEREIRA, L. S.; COIXÃO, A. S. (2003b) – Campanha De Escavações Arqueológicas No Ano De 2002 No Sítio De Castanheiro Do Vento, Horta Do Douro, Vila Nova De Foz Côa. *Coavisão*. Vila Nova De Foz Côa: Câmara Municipal De Vila Nova De Foz Côa. 5, p. 143-167.

JORGE, V. O.; CARDOSO, J. M.; PEREIRA, L. S.; COIXÃO, A. S. (2005) – Morfologia Construtiva Do Recinto Pré-Histórico De Castanheiro Do Vento, (Horta Do Douro, Vila Nova De Foz Côa): O Exemplo Das Convencionalmente Designadas De “Estruturas De Condenação”. *Almadan*. Almada: Centro De Arqueologia De Almada. Segunda Série, 13, p. 25-35.

JORGE, V. O.; CARDOSO, J. M.; PEREIRA, L. S.; COIXÃO, A. S.; VALE, A. M. (2004) – O Recinto Monumental Pré-Histórico De Castanheiro Do Vento (Horta Do Douro, Vª Nª De Foz Côa), Após Os Trabalhos De 2003. Breve Relatório. *Coavisão*. Vila Nova De Foz Côa: Câmara Municipal De Vila Nova De Foz Côa. 6, p. 97-139.

JORGE, V. O.; CARDOSO, J. M.; PEREIRA, L. S.; COIXÃO, A. S. (2003c) – Castanheiro Do Vento, A Late Prehistoric Monumental Enclouse In The Foz Côa Region, Portugal – Recent Research (1998 – 2002). *Journal Of Iberian Archaeology*. Porto: Adecap. 5, p. 137-162.

JORGE, V. O.; CARDOSO, J. M.; VALE, A. M.; PEREIRA, L. S.; VELHO, G. L. (2006c) – Problemática Suscitada Pelas Escavações Do Sítio Pré-Histórico De Castanheiro Do Vento (Horta Do Douro, Vila Nova De Foz Côa), Sobretudo Após A Campanha De 2006. *Revista Da Faculdade De Letras. Ciências E Técnicas Do Património*. Porto: Flup. 6.

JORGE, V. O.; CARDOSO, J. M.; VALE, A. M.; PEREIRA, L. S.; VELHO, G. L. (2006d) – Sítio Pré-Histórico De Castanheiro Do Vento (Vila Nova De Foz Côa): Principais Conclusões Das Escavações De 2005. *Portugália*. Porto: Dctp/Flup, Nova Série, Número 29.

JORGE, V. O.; CARDOSO, J. M.; VALE, A. M.; VELHO, G. L.; PEREIRA, L. S. (2006a) – Copper Age “Monumentalized Hills” Of Ibéria: The Shift From Ideas To Interpretative Ones. New Perspectives On Old Techniques Place And Space As Results Of A Research Experience In The Ne Of Portugal. *Approaching “Prehistoric And Protohistoric Architectures” Of Europe From A “Dwelling Perspective”*. Porto: Adecap (*Journal Of Iberian Archaeology*, 8), p. 203-264.

JORGE, V.O., CARDOSO, J.M., PEREIRA, L.S., COIXÃO, A.S., VALE, A.M., VELHO, G.L. (2006b) – Relatório Das Escavações Arqueológicas Do Ano De 2005. Sítio De Castanheiro Do Vento (Horta Do Douro, Vila Nova De Foz Côa). *Actas Do II Congresso De Arqueologia De Trás-Os-Montes, Alto Douro E Beira Interior*. Vila Nova De Foz Côa: Câmara Municipal De Vila Nova De Foz Côa (Coavisão, 8), p. 185-204.

JORGE, V.O., CARDOSO, J.M., VALE, A.M., VELHO, G.L., CARVALHO, B., GOMES, S. (2008) – Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): Campanha de 2007. *Coavisão*. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa. 10, p. 235-246.

KINNES, I.; THORPE, I. J. (1986) - Radiocarbon Dating: use and abuse. *Antiquity*. York. 60, p.221-223.

LEDROUT, R. (1999) – O Homem e o Espaço, *História dos Costumes – O Homem e o Objecto, volume1*. Lisboa: Editorial Estampa, p. 55-89.

LUCAS, G. (2005) - *The Archaeology of Time*. London: Routledge.

MCFADYEN, L. (2008) – Temporary Spaces in the Mesolithic and Neolithic: Understanding Landscapes. In POLLARD, J., ed. - *Prehistoric Britain*. Massachusetts: Blackwell Publishing, p. 121-134.

THOMAS, J. (2004) – *Archaeology and Modernity*. Londres: Routledge.

Vale, A. M. (no prelo) – Images from the Iberian Copper Age: the case of the so called “fortified settlements”. In JORGE, V. O.; THOMAS, J., eds - *Archaeology and The Politics of Vision in a Post-Modern Context*. New Castle: Cambridge Scholars Publishing.

VALE, A.M. (2003) – *Castanheiro Do Vento (Horta Do Douro, Vª Nª De Foz Côa)*. *Contributo Para O Estudo Dos Resultados Das Primeiras Campanhas De Trabalhos (1998-2000)*. Porto: FLUP (Dissertação De Mestrado, Policopiada).

VALE, A.M., CARDOSO, J. M., JORGE, V. O. (2006) - Recintos Murados e/ou Colinas Monumentalizadas no Nordeste de Portugal? O Caso de Castanheiro do Vento, Vila Nova de Foz Côa. *Terra: Forma de Construir. Arquitectura. Antropología. Arqueología*. 10ª Mesa-Redonda de Primavera. Lisboa/Vila Nova de Cerveira: Argumentum/Escola Superior Gallaecia, p. 98-105